

de “judaus ortodoxos barbudos” a “irlandeses católicos duros”, defendia as barricadas com as pedras da pavimentação que haviam sido retiradas da rua com picaretas. Quando a polícia atacou o caminhão capotado, os antifascistas jogaram pequenas caixas de pólvora em formato de minúsculas bombas. Enquanto os fascistas gritavam “Os Yids, o Yids, vamos nos livrar dos Yids!”, os antifascistas berraram o slogan espanhol: “Não passarão!”.¹⁴⁵

Enquanto isso, os fascistas continuavam a chegar, alguns deles em carros adaptados com redes ao invés de vidros em suas janelas para mitigar a destruição das pedras antifascistas. Finalmente, depois de meia hora, Oswald Mosley chegou em um carro aberto, protegido por camisas negras em motocicletas. Fascistas adoradores o saudaram, enquanto os antifascistas vaiavam e os chamavam de “ratos”. Mais e mais policiais chegavam, elevando o total para 6 mil, mas se viam cada vez mais incapazes de manter a “ordem”. Pedras e outros projéteis como “garrafas de limonada com gás”, que quando sacudidas explodiam, eram continuamente jogadas em direção à polícia e aos fascistas reunidos. Quando a polícia montada atacou os antifascistas, um saco de pimenta foi estourado na frente de um cavalo de polícia e bolinhas de gude foram atiradas aos seus pés. Tijolos e sacos de merda choveram sobre eles das janelas dos apartamentos. Uma cena ainda mais violenta se desenrolou quando a multidão tentou prender alguém sob custódia policial.

¹⁴⁵ Ibid., p. 149; *The Western Daily Press and Bristol Mirror*, 5 de outubro de 1936; *The Daily Independent*, 5 de outubro de 1936; Hann, *Physical Resistance*, p. 83–84; Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 174.

Assim, antes que a marcha fascista pudesse avançar, a polícia foi obrigada a cancelá-la. Camisas negras indignados gritavam: “Queremos liberdade de expressão!”. No total, 80 manifestantes foram presos e 73 policiais ficaram feridos.

No dia seguinte, o BUF atacou o governo por ter “se rendido ao Terror Vermelho”. De acordo com um judeu antifascista, boa parte da comunidade estava “cansada e envergonhada de manter a cabeça baixa”. E naquela que se tornaria conhecida como a lendária “Batalha de Cable Street”, Mosley não passou.¹⁴⁶

Os ilustres voluntários estrangeiros de Mussolini, conhecidos como o *Corpo Truppe Volontarie* (CTV), foram atingidos. Literalmente. Depois de uma bem-sucedida exploração *Schwertpunkt*¹⁴⁷ realizada pelas linhas republicanas ao norte de Madrid, no estilo da futura blitzkrieg nazista, o altamente mecanizado CTV avançou mais rápido do que suas linhas de suprimento podiam manter e foi atingido por uma tempestade de neve e granizo. Congelados em seus uniformes tropicais, frustrados com a falta de refeições e bebidas quentes,¹⁴⁸ soldados italianos começaram

¹⁴⁶ Tilles, *British Fascist Antisemitism*, p. 149; *The Western Daily Press and Bristol Mirror*, 5 de outubro de 1936; *The Daily Independent*, 5 de outubro de 1936; Hann, *Physical Resistance*, p. 84–90.

¹⁴⁷ N. do T.: Tática militar onde um ponto do campo de batalha é escolhido para ser ponto principal da concentração de artilharia durante um conflito.

¹⁴⁸ Antony Beevor, *The Battle for Spain: The Spanish Civil War*

a ouvir mensagens transmitidas pelos alto-falantes através das linhas inimigas:

Italianos, filhos da nossa terra! Você foram enviados para cá, enganados por uma falsa propaganda ou impulsionados pela fome e pelo desemprego. E, sem querer, você se tornaram os executores do povo espanhol... Venham para nossas fileiras: estas são as fileiras dos defensores do povo, da civilização e do progresso. Nós abrimos nossos braços para vocês: venham conosco. Os voluntários do Batalhão Garibaldi.¹⁴⁹

Após anos de exílio, os antifascistas italianos do Batalhão Garibaldi finalmente ficaram frente a frente às legiões do “Il Duce” para combater aberto, nas planícies e colinas de Castilla-La Mancha, fora de Guadalajara.

Era março de 1937 e a Guerra Civil Espanhola estava em fúria. O general Francisco Franco, líder da rebelião militar que irrompeu contra a Segunda República Espanhola em julho de 1936, estava cada vez mais desesperado para conquistar a capital e legitimar sua autoridade. Ainda assim, a defesa de Madrid se provou muito mais resiliente do que ele jamais imaginara. “*No Pasarán!*”, gritavam as pessoas. Eles não passariam. Para virar a maré, Franco convocou as forças que Mussolini, assim como Hitler, enviara à Espanha em violação direta ao acordo de neutralidade com a França e Grã-Bretanha, que observavam tudo conscientemente.

1936–1939 (New York: Penguin, 2006), p. 216; Michael Seidman, *Republic of Egos: A Social History of the Spanish Civil War* (Madison: University of Wisconsin Press, 2002), p. 86–87.
¹⁴⁹ Jacques Delperrie de Bayac, *Les Brigades Internationales* (Paris: Fayard, 1968), p. 255–256.

Para alcançar a glória na Espanha, Mussolini equipou uma força de 35 mil homens com 250 tanques, sendo 180 de artilharia, e quatro companhias de metralhadoras motorizadas. Era a “força mais fortemente armada e melhor equipada para entrar na batalha”.¹⁵⁰

No entanto, sua vantagem tecnológica evaporou quando seus veículos ficaram atolados na lama fora de Guadalajara e seu apoio aéreo ficou aterrado em campos de pouso inundados. De 12 a 17 de março, o CTV enfrentou ataques intermitentes de uma série de forças que incluíram a XI Brigada Internacional (composta pelo batalhão francês *Commune de Paris* e os batalhões alemães *Edgar André* e *Thälmann*), a XII Brigada Internacional (composta pelo batalhão italiano *Giuseppe Garibaldi* e o franco-belga *André Marty*) e a guerrilha anarquista Cipriano Mera, apoiada pela força aérea republicana.¹⁵¹ Um pequeno número de deserções se transformou em um colapso em larga escala no dia 18, quando a República Espanhola reivindicou sua primeira vitória da guerra. Na qualidade de correspondente de guerra do *The New York Times*, Ernest Hemingway argumentou que era “impossível exagerar demais a importância dessa batalha” que energizou o antifascismo internacional após quinze anos de contínuas derrotas.¹⁵²

Enquanto a Batalha de Guadalajara representava um ponto alto na unidade antifascista transnacional, graves conflitos surgiram sob a superfície que assolou a República Espanhola desde a sua criação. A República foi proclamada em 1931, um ano após o fim da ditadura do general

¹⁵⁰ Jackson, *The Spanish Republic*, p. 349.

¹⁵¹ Delperrie de Bayac, *Les Brigades Internationales*, p. 250–254.

¹⁵² *New York Times*, 29 de março de 1937.

Miguel Primo de Rivera (1923-1930), que foi fortemente influenciado por Mussolini.¹⁵³ Como a República de Weimar, a República Espanhola passou sua breve existência combatendo as presepadas da esquerda e da direita. O inimigo mais persistente da República à esquerda era a anarcossindicalista *Confederación Nacional del Trabajo* (CNT), que lançou as fracassadas revoltas “tres ochos” (três oitos) de 18 de janeiro de 1932, 8 de janeiro de 1933 e 8 de dezembro de 1933.¹⁵⁴

Enquanto isso, à direita, uma fração de militares lançou um golpe malsucedido em agosto de 1932. Em 1934, uma revolta de mineiros socialistas nas Astúrias contra o que eles consideravam ser um novo governo fascista de direita, foi brutalmente reprimida. A partir de 1934, a saudação antifascista de punho cerrado começou a se espalhar na Espanha.¹⁵⁵ Após a mudança estratégica do *Comintern* para a Frente Popular em 1935, o minúsculo Partido Comunista da Espanha (PCE), que tinha apenas mil membros quando a República foi proclamada,¹⁵⁶ formou uma coalizão eleitoral com socialistas e republicanos para as eleições de 1936.

¹⁵³ Shlomo Ben Ami, *Fascism from Above: The Dictatorship of Primo de Rivera in Spain 1923–1930* (Oxford: Clarendon, 1983).

¹⁵⁴ Stanley G. Payne, *The Collapse of the Spanish Republic, 1933–1936* (New Haven: Yale University Press, 2006), p. 22.

¹⁵⁵ Hugo García, “Was There an Antifascist Culture in Spain During the 1930s?” in Hugo García, Mercedes Yusta, Xavier Tabet e Cristina Clímaco, eds., *Rethinking Antifascism: History, Memory and Politics, 1922 to the Present* (New York: Berghahn, 2016), p. 101.

¹⁵⁶ Jackson, *The Spanish Republic*, p. 111.

Foi a vitória da Frente Popular na eleição de 1936 que começou a movimentar as peças no jogo para a revolta militar naquele verão. Além das forças armadas, Franco foi apoiado por monarquistas, industriais e latifundiários, a Igreja e a Falange – um pequeno partido fascista formado em 1933 por José Antonio Primo de Rivera, filho do ex-ditador. No decorrer da guerra, os membros da Falange – os camisas azuis – cresceram consideravelmente, de 5 mil antes do início da guerra para 2 milhões alguns anos depois.¹⁵⁷ Franco não era um fascista – ele era mais um tradicionalista católico autoritário – e por isso não devia nada a Falange, mas, mesmo assim, depois da guerra, transformou a Falange fascista no partido oficial do estado em sua ditadura. José António Primo de Rivera, no entanto, se viu em território inimigo quando a guerra começou e foi executado pelo governo republicano meses depois.

Enquanto guarnições leais a Franco alcançaram rápidas vitórias em algumas regiões, em Barcelona, trabalhadores da CNT anarquista, da UGT socialista e outros, se mobilizaram para acabar com a revolta militar e proclamar a revolução social. Nas semanas e meses seguintes, os anarquistas e seus aliados socialistas revolucionários coletivizaram a indústria e a agricultura em grande parte de Aragão, Catalunha e Valência. Somente em Barcelona, cerca de 3 mil empresas foram coletivizadas.¹⁵⁸ George Orwell, que chegou a Barcelona em meio à revolta revolucionária,

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 418.

¹⁵⁸ Chris Ealham, *Anarchism and the City: Revolution and Counter-Revolution in Barcelona, 1898–1937* (Oakland: AK Press, 2010), p. 181.

a descreveu como “a primeira vez que em estive em uma cidade comandada pela classe trabalhadora”.¹⁵⁹

O Partido Comunista, no entanto, foi absolutamente contra o desenrolar da revolução espanhola. O fim da análise do “terceiro período” e o giro em direção à “Frente Popular” representou um recuo das ambições revolucionárias em favor da fortificação da URSS na arena global. Passando para década de 1930, os soviéticos tentaram fortalecer as relações com as potências ocidentais quando o *Comintern* reduziu o “revolucionismo” de seus partidos nacionais. Quando a Itália invadiu a Abissínia (Etiópia) em 1935, a URSS apenas emitiu um protesto indeciso indicando um boicote a produtos italianos que eram menos necessários que os produtos da França e Grã-Bretanha. Depois que a guerra na África terminou, os soviéticos suspenderam as sanções italianas para retomar uma relação econômica com o regime fascista que remeta à um pacto comercial realizado com Mussolini em 1924. Da mesma forma, os soviéticos fizeram 5 tentativas em 1935 para melhorar as relações com o novo regime de Hitler, mas os nazistas não queriam mais do que relações comerciais.¹⁶⁰ Isso prefigurou o Pacto de Não-Agressão de 1939.

No caso espanhol, isso significava que enquanto os anarquistas e trotskistas consideravam a guerra e a revolução inseparáveis, o PCE “se fez o campeão da pequena propriedade burguesa” argumentando que o tempo não estava maduro para a revolução e a agitação social só dificultaria o esforço de guerra.¹⁶¹ Enquanto essas tensões

¹⁵⁹ George Orwell, *Homage to Catalonia* (San Diego: Harcourt Brace & Company, 1980), p. 4.

¹⁶⁰ Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 105–121.

¹⁶¹ Jackson, *The Spanish Republic*, p. 361.

aumentavam, o antifascismo passou a ser associado à uma coligação cada vez mais dominada pelos comunistas com alguns elementos socialistas e republicanos de classe média, que se opunham à revolução. Em contraste, José García Pradas, da CNT, afirmou que “ser antifascista significa ser revolucionário”.¹⁶²

O prestígio que o PCE desenvolveu se originou inteiramente do importante papel da URSS no conflito. No entanto, quando a guerra na Espanha eclodiu, Stalin foi empurrado à ação pelo *Comintern* e pelo movimento operário internacional.¹⁶³ Uma vez que a URSS veio apoiar ativamente a República, o *Comintern* organizou as Brigadas Internacionais. Ao longo da guerra, havia entre 32 e 35 mil antifascistas de 53 países envolvidos, compoendo batalhões em grande parte organizados por antecedentes regionais, como o polonês Batalhão Dabrowski, o batalhão americano Abraham Lincoln e o Batalhão Centro-Europeu Dimitrov. Cerca de mais de 5 mil pessoas vieram lutar nas fileiras armadas da CNT e do dissidente *Partido Obrero Unificado Marxista* (POUM).¹⁶⁴ George Orwell veio para lutar no segundo. Os soviéticos também venderam equipamentos militares e enviaram seus assessores para a República. Assim nasceu a imagem popular de Stalin defendendo a República contra Hitler e Mussolini.

No entanto, após a queda da URSS, documentos recém-disponibilizados pelo Arquivo Militar Estatal Russo levaram os historiadores Ronald Radosh, Mary Habeck e Grigory Sevostianov a desafarem essa representação he-

¹⁶² García, “Was There an Antifascist Culture?” in García et al., *Rethinking Antifascism*, p. 97–98.

¹⁶³ Ceplair, *Under the Shadow of War*, p. 115.

¹⁶⁴ Beevor, *The Battle for Spain*, p. 16.

roica em seu livro *Spain Betrayed* [Espanha traída]. Esses documentos revelaram que “Stalin, de fato, enganou a República em negociações com armas em milhões de dólares... por meio de uma artimanha secreta na contabilidade”. Além disso, “muitos dos itens fornecidos eram antigos e inutilizáveis”. Como o México era o único outro país a fornecer apoio material à República, Stalin podia, segundo esses historiadores, usar sua “ajuda como chantagem virtual” para essencialmente “assumir e administrar a economia espanhola, o governo e as forças armadas”.¹⁶⁵

Enquanto isso, em casa, o “Grande Expurgo” soviético estava em andamento. Ao longo de vários anos, qualquer líder soviético que pudesse desafiar o poder de Stalin foi forçado a confessar pertencer ao “Centro Terrorista Trotskista-Zinovievista” ou algum outro plano enquanto “outros milhões foram presos e centenas de milhares mortos após julgamentos a portas fechadas”.¹⁶⁶

O expurgo se estendeu até a Espanha, onde a unidade de inteligência militar soviética (GRU) e a polícia secreta (NKVD) cometeram assassinatos e sequestros de importantes esquerdistas anti-stalinistas que muitas vezes eram colocados em prisões secretas.¹⁶⁷ A manifestação mais visível desse conflito interno na esquerda foi o confronto de rua no dia 1º de maio de 1937, quando a polícia catalã, apoiada pelos comunistas, tomou a central telefônica de Barcelona, que estava sob controle anarquista. O que se

¹⁶⁵ Ronald Radosh, Mary R. Habeck, and Grigory Sevostianov, eds., *Spain Betrayed: The Soviet Union in the Spanish Civil War* (New Haven: Yale University Press, 2001), p. xvii–xix.

¹⁶⁶ Adam B. Ulam, *Stalin: The Man and His Era* (New York: Viking Press, 1973), p. 408–409.

¹⁶⁷ Radosh et al., eds., *Spain Betrayed*, p. xvii–xviii.

seguiu foram 4 dias de combates enquanto a anarquista CNT e o trotskista POUM tentavam defender os ganhos de sua revolução dos ataques da polícia e das unidades comunistas armadas. Em última análise, a liderança da CNT negociou o fim do conflito a fim de evitar a eclosão de uma guerra civil dentro da guerra civil. Esse confronto representou o fim de qualquer unidade antifascista de esquerda que porventura existisse nos primeiros meses da guerra. Depois de lutar pelo POUM durante os dias de maio, Orwell fugiu da Espanha, não para escapar dos fascistas, mas para fugir dos comunistas que o tinham rotulado junto a seus camaradas como “Trotskistas-Fascistas”.¹⁶⁸

Tudo isso para dizer que o antifascismo espanhol era uma colcha de retalhos desigual de transcendente unidade e profundo conflito setário. Fundamentalmente, a harmonia ilusória da Frente Popular foi fraturada por interpretações rivais de revolução e antifascismo. Franco colheu os espólios dessa desunião, embora seja improvável que qualquer ajuda que não fosse francesa ou britânica poderia ter impedido uma vitória nacionalista. Ainda assim, enquanto Franco e seus aliados fascistas governaram até sua morte em 1975, a chama de resistência antifascista nunca mais cingiu na Espanha.

A Segunda Guerra Mundial despontou após a invasão nazista na Polônia em setembro de 1939 (apesar dos combates no Pacífico tenham começado mais cedo). Durante meia década seguinte, os nazistas e seus aliados matariam mais ou menos 200 mil ciganos, 200 mil “deficientes” fi-

¹⁶⁸ Orwell, *Homage to Catalonia*, p. 178.

sicos e milhares de homossexuais, esquerdistas e muitos outros dissidentes, enquanto a “solução final” de Hitler assassinou 6 milhões de judeus em câmaras de gás, esquadões de fuzilamento, desnutrição e falta de tratamento médico nos inundos guetos e campos de concentração, espancamentos ou trabalhando com desespero suicida até a morte. Aproximadamente 2 em cada 3 judeus do continente foram mortos, incluindo alguns dos meus parentes.

Então, essas são as apostas dessa conversa. Quando falamos de fascismo, não devemos nos afastar muito, no pensamento, das pessoas que coletaram os cabelos, dentes de ouro e sapatos daqueles que eles exterminaram. Quando falamos de antifascismo, não devemos esquecer que, para muitos, a sobrevivência foi a personificação física dessa luta.

Este livro teria que ser muito maior para fazer justiça ao antifascismo durante a Segunda Guerra Mundial. No entanto, podemos, no mínimo, evocar brevemente os espíritos das células de resistência descentralizadas, bandos *partisans*, redes clandestinas de operários que produziam armas defeituosas, panfletos estudiantis da Rosa Branca, as famílias que escondiam judeus em seus sótãos e porões, os adolescentes do *Edelweisspiraten*¹⁶⁹ que travaram uma “guerra eterna contra a Juventude Hitlerista”,¹⁷⁰ os grevistas holandeses de 1941...

Finalmente, vamos acender uma vela para todas as vítimas do Holocausto, incluindo aqueles que caíram nos levantes armados nos campos de concentração e guetos de Bialystok, Varsóvia, Cracóvia, Bedzin, Czestochowa, Sosnowiec, Sobibor, Treblinka e Auschwitz.

¹⁶⁹ N. do T.: Piratas de Eldelweiss.

¹⁷⁰ McDonough, *Opposition and Resistance*, p. 15-16.

2

“NUNCA MAIS!”:
O DESENVOLVIMENTO DA ANTIFA MODERNA,
1945-2003.

